

# “CAPOEIRAS”: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NESSA ARTE-LUTA BRASILEIRA<sup>1</sup>

**Tatiane de Assis Pereira**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

**Wanderley Marchi Júnior**

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

## Resumo

A capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira, considerada um fenômeno plural e objeto de estudo de diversas áreas que buscam compreender melhor os diferentes processos que a constituem. Tendo em vista o crescimento da participação feminina na prática e com ele os desafios encontrados por essas mulheres para alcançar ascensão e reconhecimento no meio capoeirístico, o presente estudo tem como objetivo descrever como aconteceu e acontece a inserção e representação desses corpos femininos na capoeira. A partir desta pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico, identificamos que ainda há preconceitos em relação à participação feminina dentro da capoeira e que existem barreiras a serem superadas pela própria capoeira e seus agentes para melhor inserir a mulher dentro deste espaço.

**Palavras-chave:** Capoeira. Mulher. Gênero. Sexismo.

## “CAPOEIRAS”:

### THE REPRESENTATION OF THE WOMAN IN THIS BRAZILIAN ART/FIGHT

## Abstract

Capoeira is an Afro-Brazilian cultural manifestation, considered a plural phenomenon and object of study of several areas that seek to better understand the different processes that constitute it. Considering the growth of female participation in the practice and with it the challenges encountered by these women to achieve ascension and recognition in the capoeirístico environment, the present study aims to describe how it happened and happens the insertion and representation of these female bodies in capoeira. From this qualitative and bibliographical research we have identified that there are prejudices in the female participation in capoeira and that there are barriers to be overcome by capoeira itself and its agents to better insert the woman within this space.

**Keywords:** Capoeira. Woman. Gender. Sexism.

---

1 O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

**“CAPOEIRAS”:  
LA REPRESENTACIÓN DE LA MUJER EN ESTA ARTE-LUCHA BRASILEÑA**

**Resumen**

La capoeira es una manifestación cultural afro-brasileña y objeto de estudio de diversas áreas que buscan comprender mejor los diferentes procesos que la constituyen. En vista del crecimiento de la participación femenina en la práctica y con él los desafíos encontrados por esas mujeres para alcanzar ascenso y reconocimiento en el medio capoeirístico, el presente estudio tiene como objetivo describir cómo ocurrió y ocurre la inserción y representación de esos cuerpos femeninos en la capoeira. A partir de esta investigación de carácter cualitativo y bibliográfico identificamos que hay preconceptos en la participación femenina dentro de la capoeira y que existen barreras a ser superadas por la propia capoeira y sus agentes para mejor insertar a la mujer dentro de este espacio.

**Palabras clave:** Capoeira. Mujer. Género. Sexismo.

**Introdução**

A participação feminina nas práticas esportivas hoje pode ser encarada de forma natural, fazendo-nos acreditar que sempre foi assim. Entretanto, mesmo que atualmente a presença da mulher seja aceita com maior facilidade em diversos espaços, ainda persistem algumas resistências. A sociedade patriarcal sempre representou a mulher como do tipo frágil, incapaz e inapto para grandes esforços físicos, um corpo que tinha a função exclusiva de reprodução e que deveria ser preservado, reservando-o ao domínio privado, pois o universo esportivo, além de manchar a tradicional imagem de fragilidade feminina, poria em risco sua heterossexualidade, tornando seu corpo viril (MORAES E SILVA, FONTOURA, 2011; MOURÃO, 2000).

Com o passar do tempo, as mulheres foram conquistando espaços em diversas esferas da sociedade, incluindo o mundo esportivo, e acabaram sendo consideradas pelos homens como invasoras de um espaço dito masculino. Isso ocorreu, talvez, em grande parte porque a nossa história tem sido escrita e interpretada sob um ponto de vista exclusivamente masculino (ADELMAN, 2006; RUBIO, SIMÕES, 1999), com o objeto deste estudo, a capoeira, não foi diferente.

A concepção tradicional de feminilidade também permeia o universo capoeirístico, por esse motivo, a nossa intenção com esta pesquisa é descrever como aconteceu e, ainda acontece, a inserção e a representação da mulher e do corpo feminino na considerada arte-luta brasileira: a capoeira.

Percebendo que quantitativamente não é significativa a produção sobre este tema, citamos os trabalhos que encontramos sobre o assunto: Barbosa (2005), Costa (2012), Fernandes e Silva (2008) e Oliveira e Leal (2009). Nenhum desses estudos se dedicou a estudar a presença da mulher e do corpo feminino inserido na capoeira. Por esse motivo, justificamos a nossa necessidade de desenvolver melhor essa problemática. Acreditamos ser interessante realizar um trabalho sobre esse tema, primeiro para produzir uma referência sobre o assunto: a mulher na capoeira e, conseqüentemente, para promover a visibilidade das mulheres, seja dentro de práticas físicas ou em suas relações em sociedade. E, posteriormente, para ampliar o debate sobre a inclusão feminina em comunidades, atividades e/ou práticas e espaços que são tradicionalmente ocupados por homens.

## A Capoeira: notas históricas

A capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira que se caracteriza por sua multidimensionalidade: ao mesmo tempo pode ser tomada como luta, jogo, performance, dança, filosofia, ritual, entre outras definições. Ainda que alguns praticantes priorizem ora sua face cultural com seus aspectos musicais e rituais, ora sua face esportiva, a luta e a ginástica corporal, essa dimensão múltipla não pode ser deixada de lado. Atualmente, na prática da capoeira coexiste o jogo, os golpes, a dança, a orquestração musical, ainda que o enfoque dado possa diferir de acordo com a singularidade de cada grupo ou associação. Talvez venha dessa diversidade a dificuldade de se estabelecer de forma clara as suas origens (BARBOSA, 2013; BRASIL, 2007).

A história da capoeira hoje é contada por meio de diversas fontes, existe muito material produzido acerca da prática, mas muito de sua história foi distorcida ou caiu no esquecimento, isso porque, em grande parte, o que se sabe hoje sobre a capoeira foi transmitido oralmente através das gerações. Apesar de não haver nenhum documento histórico mencionando a capoeira antes ao século XIX e o seu surgimento estar cercado de controvérsias, acredita-se que ela é uma criação de “escravos quilombolas” no Brasil, portanto de origem afro-brasileira (FONTOURA, GUIMARÃES, 2008; MELLO, 1996; VIEIRA, ASSUNÇÃO, 1998; SANTOS, 1990).

Após a abolição da escravatura, muitos escravos foram largados nas ruas, sem moradia e sem emprego. Devido a esse fato e aos séculos de tradição escravocrata, os negros passaram a viver à margem da sociedade e os que eram capoeiristas passaram a sofrer perseguições da polícia por suas práticas, eram mal vistos pela sociedade, ilustrando as páginas policiais. Nesse período, apesar de sua imagem estar associada com a criminalidade, a capoeira ganhou muitos adeptos, inclusive entre os brancos. Um ano e meio após a abolição, em novembro de 1889, aconteceu a Proclamação da República, e em 1890 foi criado um Código Penal em que a capoeira foi proibida, entrando assim num momento de decadência (OLIVEIRA, LEAL, 2009; REGO, 1968).

Porém, a capoeira e os capoeiristas conseguiram resistir e atravessar esse período de criminalização da prática, alguns encontraram sobrevida na malandragem boêmia, outros no samba e no carnaval. O processo de ascensão da capoeira começou lentamente na década de 1930, quando Getúlio Vargas assume o poder, derrubando o presidente Washington Luís. Ele passa a permitir a prática vigiada da capoeira, e, não sendo mais perseguidos, os capoeiristas voltam para as ruas e praças das cidades com as suas rodas de capoeira e passam também a fazer parte das festas populares (ABREU, 2008; AREIAS, 1983).

A Bahia, no século XX, foi um celeiro de praticantes, apresentando a capoeira para o Brasil e para o mundo por meio da determinação de dois homens: Manoel dos Reis Machado (1900-1974), Mestre Bimba, e Vicente Ferreira Pastinha (1889-1981), Mestre Pastinha. Bimba, com 18 anos, começou a ensinar capoeira e criou, em 1928, a “Luta Regional Baiana”. Ele a teria chamado assim como uma estratégia para melhor aceitação da sociedade na época, ainda coberta de preconceito contra a atividade. Em 1937, recebeu autorização para manter seu Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, dando assim início ao processo de descriminalização da capoeira (BRASIL, 2007; CUNHA *et al.*, 2014; IPHAN, 2008). Já Pastinha buscou suas raízes no continente africano, divulgando a capoeira como uma manifestação cultural afro-brasileira. Ele é considerado o precursor da capoeira Angola, fundando em 1941 o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA). A terminologia de centro esportivo também foi um recurso utilizado para dar credibilidade a sua prática. No CECA reuniam-se desde antigos mestres até novos discípulos (CUNHA *et al.*, 2014; VIEIRA, ASSUNÇÃO, 1998).

Mais tarde, em 1953, Bimba se apresentou para Getúlio Vargas, em Salvador, e para o governador do estado, Juracy Magalhães. Na ocasião, o presidente teria se referido à capoeira como o único esporte genuinamente brasileiro (GUIZARDI, 2011; VIEIRA, ASSUNÇÃO, 1998).

Tanto Bimba quanto Pastinha foram os principais responsáveis pela expansão inicial da capoeira da Bahia para outros estados do Brasil. A capoeira passou assim a ser reconhecida nacionalmente, e como resultado iniciou-se a produção de uniformes e espaços destinados a prática da capoeira. Nesse período, ocorreram as primeiras viagens pelo território brasileiro de grupos de capoeira e, a partir da década de 1950, começaram a ser veiculadas inúmeras notícias de jornais baseadas nessa manifestação (BRASIL, 2007).

Em 2008, a capoeira recebeu o registro de patrimônio cultural imaterial do Brasil, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (BRASIL, 2007; CUNHA *et al.*, 2014). Em novembro de 2014, a UNESCO reconheceu a Roda de Capoeira, “um dos símbolos do Brasil mais reconhecidos internacionalmente” como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade (IPHAN, 2018).

Já há alguns anos a capoeira tem se propagado por quase todo o globo terrestre, tornando-se um instrumento de divulgação da cultura e da história brasileira pelo mundo, por ser um meio de exposição dos hábitos, da língua, do folclore e da cultura popular do Brasil (CUNHA *et al.*, 2014; FALCÃO, 2008; LUSSAC, TUBINO, 2009; OLIVEIRA, LEAL, 2009; PIRES, 2008). Seu número de adeptos cresce a cada dia, entre pessoas de todas as faixas etárias como crianças, jovens, adultos e idosos, e em especial, entre as mulheres, foco deste estudo.

### **A Mulher na Capoeira: o jogo apenas começou**

As mulheres já não são mais uma novidade nas rodas de capoeira, a sua defasagem numérica está diminuindo e sua timidez se esvaindo nestes círculos predominantemente masculinos. Historicamente a capoeira construiu um cenário dominado quase que exclusivamente pelos homens e marcado por um silenciamento sobre a participação das mulheres. Os mais destemidos, que difundiram as tradições e as mantiveram vivas ao longo do tempo, os líderes da prática da capoeira sempre foram os homens, como se as mulheres não existissem neste universo cultural. Talvez, por esse motivo, seja difícil enxergar e mensurar a influência que a mulher possa ter tido no desenvolvimento dessa luta/jogo/dança ou falar com precisão sobre a sua participação dentro desse universo que era de domínio quase que exclusivamente masculino (ALMEIDA, 1994; BARBOSA, 2005; OLIVEIRA, LEAL, 2009; SILVA, CALAND, 2009).

Sabe-se que algumas das evidências mais antigas sobre a participação da mulher na capoeira são do Norte do Brasil. Há também jornais dos anos de 1876 e 1878 que noticiaram a existência de mulheres capoeiristas transgredindo a ordem pública na Capital Federal, que nessa época era o Rio de Janeiro. Entretanto, a presença feminina na capoeira se dá com maior incidência a partir da década de 1930, quando a mulher aparece como aluna capoeirista nas academias. Porém, a principal função exercida pelas mulheres seria uma espécie de apoio logístico ou serviçal do grupo de capoeira, cuidando principalmente dos assuntos burocráticos (BARBOSA, 2005; OLIVEIRA, LEAL, 2009).

De acordo com Fernandes e Silva (2008), atualmente as mulheres têm conseguido mais espaço na sociedade, alcançaram cargos de chefia, inclusive à frente de grandes projetos. Porém, tornar visível quem sempre foi ocultada continua sendo um desafio. A segregação política e social à qual as mulheres foram conduzidas historicamente resultou em sua ampla invisibilidade como sujeito (LOURO, 1997). Devemos lembrar que, há pouco menos de um século, a mulher não podia trabalhar, votar ou sequer expressar sua opinião. Os pensadores,

artistas, cientistas, políticos e filósofos eram homens, o que contribuiu para a história ser contada por um olhar masculino, apagando a figura da mulher dos acontecimentos.

O sistema patriarcal condicionou as mulheres a uma posição hierarquicamente inferior, em que elas não podiam decidir sobre suas próprias vidas, pois não se constituíam enquanto sujeitos. Essa condição de submissão feminina é fruto do papel social criado para o gênero, em que a sociedade patriarcal por meio do sistema educacional, das leis, das crenças, da divisão social do trabalho e da cultura constrói padrões de homens e mulheres como sujeitos opostos e assimétricos (COSTA, 2012).

Muita coisa mudou com o passar dos anos, houve conquistas e avanços, porém essa relação de poder patriarcal, que ainda se faz presente hoje, aparece principalmente nas relações sutis do cotidiano. Quando falamos da mulher e, em especial, da representação do corpo feminino na capoeira, podemos pensar que a relação “mulher x esporte” reflete, em parte, a luta travada na busca de uma nova construção do que deveria ser esse corpo, essa nova mulher, que se desvencilhe da imagem estigmatizada de submissa, servil, obediente e reprodutora. O corpo é a primeira ferramenta do ser humano, seja ele feminino ou masculino, e é também um símbolo social, independente do discurso sociológico e do que se defenda, sempre é apontado um modelo ideal de corpo, seja ele referente ao físico, ao comportamento, às finalidades, justamente por ele simbolizar e/ou representar algo dentro da sociedade (CASTELLANI FILHO, 1989; LE BRETON, 2002).

A importância que é dada a esses corpos e, principalmente, às diferenças entre eles, em especial ao aparelho genital, faz com que ocorra uma divisão social, fruto de uma criação histórica arcaica que modela os corpos em dois gêneros hierarquicamente distintos. A docilidade, a fragilidade, a vulnerabilidade e a submissão, atributos atrelados ao corpo feminino fizeram com que historicamente a mulher fosse excluída das atividades consideradas masculinas e, conseqüentemente, das atividades esportivas, já que no esporte são exigidas características como força, destreza, competitividade, ou seja, características nada próximas daquelas cobradas das mulheres nesse universo (LESSA, 2005). Ainda que nas últimas décadas o número de mulheres no esporte tenha aumentado significativamente, não podemos afirmar que as condições de acesso e participação sejam igualitárias quando comparadas aos homens. Tanto a sua visibilidade, como a sua valorização e/ou reconhecimento acontecem de formas bem distintas (GOELLNER, 2005).

Atualmente na capoeira já temos mulheres mestres, contra-mestres e professoras no Brasil e no mundo, desenvolvendo trabalhos de qualidade. Um dos primeiros momentos que a mulher capoeirista teve visibilidade foi, provavelmente, no jornal “A Constituição da cidade de Belém do Pará”. Na edição de 21 de novembro de 1876, um artigo que recebeu o título “Que mulher capoeira!” informou que fora presa às 7 horas da noite a escrava Jerônima, por praças do 4º Batalhão de Artilharia, o motivo seria a transgressão da ordem pública na prática de capoeiragem (OLIVEIRA, LEAL, 2009, p. 149). Uma notícia semelhante foi publicada em um periódico da cidade do Rio de Janeiro, “O Jornal do Comércio”, em sua edição de 29 de janeiro de 1878, em uma notícia que divulgava a prisão de algumas mulheres que brigavam pelas ruas da capital federal, o jornal informava que “até o belo sexo [...] quando empenham qualquer luta mostram ser peritas em capoeiragem” (SOARES, 1999, p. 303). Em janeiro de 1893, o jornal “Diário de Notícias” publicou uma notícia que um bombeiro teria apanhado de uma mulher, mostrando valentia por parte dela e ridicularizando o homem, um trecho diz: “Nova capoeiragem da mulher e... zás! Tome bolacha na cara, seu bombeiro... [...] O valente conheceu a sua fraqueza; pôs sebo às canelas e azulou para o quartel, debaixo de tremenda vaia.” (OLIVEIRA, LEAL, 2009, p. 154).

Não se pode afirmar exatamente qual era a intenção desses artigos, mas, em geral, ao citar esses acontecimentos, o objetivo era mostrar essas mulheres como mau exemplo, demonstrando que elas não tinham um comportamento compatível com o modelo ideal



feminino: o de boa mãe, esposa e submissa, padrões exigidos pela sociedade da época. A mulher que negava esse padrão de comportamento era punida pela lei e pela imprensa (OLIVEIRA, LEAL, 2009).

Passando para o século XX, a capoeira ainda remetia à valentia, estando diretamente ligada ao homem, à imagem de virilidade, à masculinidade. Entretanto, segundo Mestre Atenilo, ao falar da capoeiragem das décadas de 1920 e 1930 na Bahia, lembrou-se que existia uma mulher, famosa frequentadora das rodas de capoeira, que se chamava Salomé. Ele afirma que “[ela] era valente e que deixava qualquer um de pernas pro ar quando passava a rasteira” (OLIVEIRA, LEAL, 2009, p. 114). A sociedade “machista e conservadora” via de forma preconceituosa a mulher capoeira que, em geral, vivia na periferia, era pobre e negra. As ruas eram um lugar da violência, do crime, um espaço privilegiado e ocupado pelos homens, mas com o crescimento das cidades, a presença feminina passou a ser recorrente e não passava despercebida. Elas, as mulheres com suas atividades para buscar o seu sustento e o de suas famílias, trabalhavam como bordadeiras, domésticas, vendiam comidas, bebidas; outras viviam da prostituição, ou seja, passara a ocupar e disputar esse espaço com os homens, e, muitas vezes, a golpes de navalha, pontapés, cacetadas. Também era com a capoeira que muitas delas se defendiam de clientes e/ou de parceiros violentos (SILVA, 2015; OLIVEIRA, LEAL, 2009).

Dentro da história da capoeira a mulher também figura em um dos seus elementos principais que é a musicalidade. Por meio da análise das letras das músicas, podemos observar um menosprezo pela mulher e um destaque ao poder masculino. Maria José Somerlate Barbosa (2011), professora de literatura e cultura brasileira da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, tem um estudo em que analisou 397 canções de capoeira e aproximadamente 25% se referiram à mulher. A autora diz que as canções codificam valores sociais e morais ao descrever a mulher como ser inferior, objeto de prazer sexual ou empecilho para o bem-estar masculino. O homem é descrito como aquele que dita as normas de comportamento, podendo determinar o que a mulher pode ou não vestir, se ela pode trabalhar fora, cortar o cabelo ou usar maquiagem (BARBOSA, 2011). Para exemplificar temos o seguinte corrido:

A mulher pra ser bonita, Paraná,  
 Não precisa se pintar, Paraná.  
 A pintura é do demônio, Paraná.  
 Beleza é Deus quem dá, Paraná.

Dentre 25% das canções que se referiam à mulher, 12% mencionaram a mãe ou a avó como fonte de apoio emocional e 5% invocaram a Virgem Maria, que seria a representação da figura maternal. Isso porque, segundo Barbosa (2011), as únicas imagens de mulheres nas cantigas de capoeira que não são criticadas ou menosprezadas são as que fazem referência às figuras míticas de mãe, avó ou de Nossa Senhora, porque, nesse caso, a mulher é colocada num plano superior, é reverenciada, e confere o modelo de virtude que a mãe e a santa representam.

A professora Barbosa complementa dizendo que é frequente que o homem apareça como vítima da traição feminina ou como aquele que está emocionalmente “moribundo” por causa de uma mulher. Além da violência de cunho psicológico, que aparece mascarada pelos apelos emocionais, existem cantigas em que a violência é explícita e que ensinam atos cruéis contra as mulheres como atitudes disciplinares e controladoras do homem sobre a mulher, a exemplo da seguinte canção (BARBOSA, 2011):

Se essa mulher fosse minha,  
 Eu ensinava a viver.

Dava feijão com farinha  
A semana inteirinha  
Pra ela comer.

Barbosa (2011) ainda afirma que quando comparada com a mulher, a descrição do homem nas cantigas é sempre mais positiva. Ele é o conhecedor dos segredos do jogo, o astuto, sedutor, o que luta bravamente, o inteligente, pois esquiva-se dos valentões e consegue ludibriar a polícia. A malandragem ou a vadiagem no universo masculino seriam metáforas do jogo, tendo sentido positivo e não sendo encarado de forma pejorativa, pois se refere à sagacidade e flexibilidade do homem. Talvez por isso, várias capoeiristas mulheres se passaram por homens na década de 1940, para conseguirem participar das rodas de capoeira, conviver em meio à malandragem, buscando seu espaço nessa sociedade. Algumas conseguiram se destacar, como foi o caso de Maria Para o Bonde, Nega Didi, Calça Rala, Satanás, Rosa Palmeirão (a capoeirista que inspirou Jorge Amado no romance *Mar Morto*) e Maria 12 Homens, assídua frequentadora das rodas do Cais Dourado e da rampa do Mercado Modelo em Salvador e que, segundo a lenda, teria recebido esse apelido por ter levado 12 “marmanjos” ao nocaute (MENEZES, 2008; SILVA, CALAND, 2009).

Desde essa época, os homens se beneficiam do fato da capoeira ser uma tradição masculina. Apenas nos últimos vinte anos as mulheres começaram a ganhar apoio e projeção (BARBOSA, 2011), aumentando o interesse de pesquisadores na área e fazendo com que fossem realizados trabalhos sobre o tema. Silva (2007) fez uma pesquisa intitulada “Imagens da Mulher na Capoeira”, na qual analisou duas revistas especializadas na área entre os anos de 1998 e 2000.

A pesquisadora constatou duas interpretações das imagens femininas, nessas duas revistas. A primeira revista, segundo a autora, fortalece o caráter misógino atribuído à participação feminina na capoeira, já que as mulheres que compõe o acervo de fotos dessa revista são de artistas e modelos, símbolos sexuais, que com sua imagem tentam incutir a ideia de que a capoeira é uma atividade física como outra qualquer no mercado. A segunda revista, segundo a autora, tem uma imagem mais ligada à emancipação da mulher na sociedade, as reportagens estão ligadas às capoeiristas da vida real, que enfrentam desafios e preconceitos na tentativa de construir um trabalho sólido na capoeira.

Outra pesquisa relacionada ao tema foi realizada recentemente e tem como resultado o artigo intitulado “Impressões femininas sobre a presença da mulher na capoeira”, de Figuerôa e Moraes e Silva (2014). Nesse estudo aplicaram um questionário semiaberto a 50 mulheres capoeiristas de seis países diferentes (Brasil, Colômbia, Equador, Espanha, México e Portugal) com o intuito de averiguar o que essas mulheres pensam sobre si e sobre a atividade que praticam. As mulheres tinham entre 18 e 35 anos, e o tempo de prática variava de menos de 1 ano a 14 anos.

A resposta mais frequente sobre o motivo pelo qual começaram a praticar a capoeira foi pela sua beleza, plasticidade e pela música. Quando questionadas se conheciam alguma mestre ou contramestre de capoeira, 36 disseram não saber da existência delas, conseqüentemente disseram não existir nenhuma mulher com essa graduação em seus respectivos grupos. Para Figuerôa, Moraes e Silva (2014) tal fato evidencia a dificuldade que a mulher tem para alcançar esse nível de reconhecimento. As capoeiristas entrevistadas também responderam por que acreditam que as mulheres abandonam a capoeira, as respostas foram: por falta de tempo, por ter que cuidar da casa e dos filhos, por ter exigências que não conseguem cumprir, desde viagens e eventos até movimentos mais complexos, por assédio de professores e colegas e por falta de motivação.

As participantes também opinaram sobre as mulheres que cantam, tocam e compõem na capoeira, elas acreditam que poucas são boas, e os motivos apresentados são porque

sentem vergonha, por não se dedicarem, por falta de espaço, por falta de motivação e oportunidade e porque os homens monopolizam os instrumentos. Outra questão foi sobre o valor atribuído às mulheres dentro da capoeira, 22 das 50 entrevistadas disseram não ser valorizadas e 10 que estão começando a ser, o que mostrou que a grande maioria não é ou não se sente reconhecida e valorizada dentro do seu grupo.

Sobre a mulher na capoeira e esse reconhecimento ou a falta dele, Bruhns (2000) afirma que o preconceito existe, tanto da mulher jogar capoeira, como tocar instrumentos ou cantar, e diz que elas se sentem “permitidas” a participar já que a capoeira é um “mundo masculino”. Em 2008, Rosângela Costa Araújo, a Mestre Janja, que tem mais de vinte e cinco anos de sua vida dedicada à capoeira, é formada em História pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), em entrevista à revista *Textos do Brasil*, disse que a mulher enfrenta caminhos diferenciados para se tornar e se fazer reconhecer capoeirista, e que não é novidade para ninguém que a capoeira deixou de ser algo específico de homens, se é que em algum dia o foi (ARAÚJO, 2008).

Mestre Janja falou, na época, que apesar do desequilíbrio de representatividade devido ao reduzido número de mulheres promovidas pelo sistema de graduação, já existem organizações de capoeira fundadas e lideradas por mulheres, e que até mesmo no exterior as mulheres constituem a maioria dos praticantes. Entretanto, comentou que alguns grupos com base em certas “tradições”, mesmo exigindo no dia a dia dos treinos o toque do berimbau e o canto, dizem que as mulheres não podem tocar o gunga, que é o berimbau principal, ou “puxar” uma música (ARAÚJO, 2008).

Quando questionada pela revista sobre quais seriam os obstáculos que deveriam ser vencidos pelas mulheres na capoeira, Mestre Janja respondeu que talvez aquele fosse um bom momento para se inverter a questão, e perguntar: “quais são os obstáculos que precisam ser vencidos pela capoeira para integrar de maneira respeitosa e qualificada a presença da mulher?”. Ela justificou dizendo que dessa maneira dois temas relevantes poderiam ser levados em consideração: a diversidade e a construção do direito à equidade. Rosângela afirmou que esse é um desafio que a capoeira tem que assumir, e que a presença da mulher deve ir desde o desenvolvimento dos conhecimentos específicos que definem a capoeira, como sua história, os movimentos, toques e cantos, até a organização e condução dos grupos (ARAÚJO, 2008).

Considerando todos os fatores que influenciaram a presença da mulher na capoeira e as mudanças sociais que ocorreram durante essa trajetória, a mulher contemporânea e capoeirista tem traçado um novo caminho no contexto da capoeira, redimensionando o jogo, mediando e negociando um espaço sociocultural nas rodas, grupos e academias (BARBOSA, 2011).

## **Considerações Finais**

Diante do que foi apresentado, destacamos a importância de ter o aporte teórico da história da capoeira para entender e confirmar que a inserção da mulher na prática se deu de maneira bastante truncada, até mesmo violenta, sabendo que a capoeira em seu início era um espaço único e exclusivo do masculino. As mulheres só passaram a fazer parte integrante dessa prática depois de quase 150 anos, quando homens já ocupavam lugares de destaque e liderança, sendo mestres e professores. Mesmo com muita luta e insistência, o respeito pela mulher como figura importante e de destaque na capoeira caminha a passos lentos. Como exemplo, podemos citar o fato de que apenas em outubro de 2016 a primeira mulher do estado de Santa Catarina se tornou mestre de capoeira, uma professora de Educação Física com 33 anos de prática. Em entrevista a um telejornal de sua cidade ela disse: “A nossa parte a gente



faz, dar continuidade e resistir mais uma vez a todo e qualquer tipo de preconceito. Estou muito feliz, a capoeira é a minha vida.” (PROFESSORA, 2016).

Importante também estudarmos sobre gênero, para entendermos melhor como se caracteriza essa trajetória da inclusão da mulher na história do mundo; como, através das disputas sociais, ela adentrou os espaços até então de exclusividade masculina; como ela rompeu diversas barreiras da sociedade para participar de forma mais igualitária nos meios até então dominados pelos homens, especialmente em espaços como a capoeira.

Fundamental fazermos essas reflexões sempre analisando o contexto histórico e social. Se pensarmos, por exemplo, da época dos registros das primeiras mulheres capoeiristas até a conquista dos direitos e atribuições legais que as mulheres têm hoje (como o trabalho formal, o direito ao voto e o de expressar sua opinião), houve um processo gradativo para vencer o silenciamento e a marginalização sofridos por esse grupo. Superar toda essa trajetória de invisibilidade enquanto sujeito, esse histórico de segregação tanto social quanto política, ser caracterizada como inferior ao homem, segue sendo um desafio para as capoeiristas e para todas as mulheres, pois elas têm que reafirmar constantemente sua capacidade e/ou potencial, porque são submetidas a julgamentos o tempo todo.

Outro problema detectado e que influencia diretamente na prática esportiva, em especial na capoeira, e em suas relações é o tratamento desigual entre homens e mulheres devido à construção social. A sociedade patriarcal tem a tendência de separar os gêneros em sujeitos assimétricos e opostos, construindo modelos de homens e mulheres com papéis preestabelecidos e envolvidos numa relação em que um detém e controla o poder e o outro é apenas manipulado por ele. Fato reforçado por meio da cultura, da educação, das instituições, e que apesar de todas as transformações já ocorridas, ainda hoje vemos mulheres privadas da oportunidade de exercício do poder, no esporte e na vida.

Apesar dos impasses e dificuldades em caracterizar a representação do corpo feminino dentro da capoeira ao longo da história da prática, podemos destacar que as mulheres ainda têm uma longa jornada pela frente para conquistarem visibilidade e projeção dentro dessa arte-luta. Mesmo constatando que essas mulheres capoeiristas tenham ainda muitos obstáculos a serem ultrapassados, preferimos acatar a ideia da Mestre Janja que diz que é a capoeira que tem muitos obstáculos que precisam ser vencidos para acolher a mulher de maneira qualificada. Essa ideia tira o peso dessa responsabilidade das costas da mulher, como acontece com qualquer grupo minoritário (relações de classe, etnia-raça), em que a responsabilização pelo seu sucesso ou fracasso é visto como única e exclusiva sua, e não do meio em que ela está inserida e das relações que desenvolve dentro do grupo. Por essa razão, temos dificuldades em saber como se constroem e se perenizam essas relações.

Ao analisarmos os contextos históricos constatamos que uma nova trajetória tem sido traçada pela mulher capoeirista e que ela vem negociando e conquistando o seu espaço. Por isso, acreditamos que estudar o espaço social em que a capoeira se desenvolve seja um dos caminhos para uma melhor compreensão desse contexto, observando efetivamente como se dão essas relações.

---

## Referências

- ABREU, F. J. DE. A Repressão à capoeira. **Revista Textos do Brasil**, n. 14, p. 35-43, 2008.
- ADELMAN, M. Mulheres no Esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, v. 12, n. 1, p. 11-29, 2006.
- ALMEIDA, R. C. A. DE. **A saga de Mestre Bimba**. Salvador: Ginga Associação de

Capoeira, 1994.

ARAÚJO, R. C. Entrevista Senhora Rosângela C. Araújo (Mestra Janja). **Revista Textos do Brasil**, n. 14, p. 100–102, 2008. Entrevista concedida a Revista Textos do Brasil.

AREIAS, A. DAS. **O que é capoeira**. São Paulo: Brasiliense, v. 3, 1983.

BARBOSA, M. J. S. A Mulher Na Capoeira. **Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies**, v. 9, 2005.

BARBOSA, M. J. S. A Representação da mulher nas cantigas da capoeira. In: **Portuguese Literary & Cultural Studies**, n. 19/20, p. 463-477, 2011.

BARBOSA, W. DE D. A capoeira e a herança afrobrasileira no contexto da realização do “inventário da capoeira” para a Diretoria de Patrimônio Imaterial do IPHAN. **Vivência: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 42, p. 25-39, 2013.

BRASIL. **Dossiê - Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, 2007.

BRUHNS, H. T. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

CASTELLANI FILHO, L. Esporte e mulher. **Motrivivência**, ano 1, n. 2, p. 87-92, 1989.

COSTA, A. A. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. Disponível em: [http://www.reprolatina.institucional.ws/site/respositorio/materiais\\_apoio/textos\\_de\\_apoio/Genero\\_poder\\_e\\_empoderamento\\_das\\_mulheres.pdf](http://www.reprolatina.institucional.ws/site/respositorio/materiais_apoio/textos_de_apoio/Genero_poder_e_empoderamento_das_mulheres.pdf). Acesso em: mar. 2016.

CUNHA, I. M. C. F. DA et al. Capoeira: a memória social construída por meio do corpo. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 20, n. 2, p. 735-755, 2014.

FALCÃO, J. L. C. A Internacionalização da Capoeira. **Revista textos do Brasil**, p. 124-133, 2008.

FERNANDES, C. C.; SILVA, P. C. da C. Um estudo sobre a participação feminina na capoeira em Campinas/SP. **Educação Física em Revista**, v. 2, n. 2, 2008.

FIGUERÔA, K. M; MORAES E SILVA, M. Impressões Femininas Sobre a Presença da Mulher na Capoeira. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, v. 4, n. 2, p. 16-31, 2014.

FONTOURA, A.; GUIMARÃES, A. História da capoeira. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 13, n. 2, p. 141-150, 2008.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GUIZARDI, M. L. “Genuinamente brasileira”. La nacionalización y expansión de la capoeira como práctica social en Brasil. **Revista Iberoamericana de Filosofía, Políticas y**

**Humanidades**, año 13, n. 26, p. 72-100, 2011.

IPHAN. **Registro da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. n. 71, p. 1–19, 2008.

IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>. Acesso em: 03 fev. 2018.

LE BRETON, D. **La sociologia del cuerpo**. Buenos Aires, Argentina: Nueva Visión, 2002.

LESSA, P. Mulheres, corpo e esporte em uma perspectiva feminista. **Motrivivência**, ano 7, n. 24, p. 157-172, 2005.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

LUSSAC, R. M. P.; TUBINO, M. J. G. Capoeira: a história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 20, n. 1, p. 7-16, 2009.

MENEZES, L. B. DE. A Mulher na capoeira. **Revistas Textos do Brasil**, n. 14, p. 83-84, 2008.

MELLO, A. DA S. Esse nego é o diabo, ele é capoeira ou da motricidade brasileira. **Revista Discorpo**, São Paulo, n. 6, p. 29-39, 1996.

MORAES E SILVA, M.; FONTOURA, M. P. Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 25, n. 2, p. 263-275, 2011.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, v. 1. 7, n. 13, p. 5-18, 2000.

OLIVEIRA, J. P. DE; LEAL, L. A. P. **Capoeira, Identidade e Gênero: ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

PIRES, A. L. C. S. Capoeira é defesa, ataque, ginga do corpo e malandragem. **Revista Textos do Brasil**, n. 14, p. 55–59, 2008.

PROFESSORA de São José torna-se a 1ª mulher mestre de capoeira de SC. **JA TV**. Florianópolis: RBS TV, 07/10/2016. Programa de televisão. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/10/professora-de-sao-jose-torna-se-1-mulher-mestre-de-capoeira-de-sc.html>. Acesso em: 13/02/2018.

REGO, W. **Capoeira angola: ensaio socioetnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.

RUBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, ano 5, n. 11, p. 50-56, 1999.

SANTOS, L. S. **Educação, Educação Física, Capoeira**. Maringá: Imprensa Universitária, 1990.

SILVA, P. C. Da C. Imagens da mulher na Capoeira. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007, Recife/PE. XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007. **Anais**. Centro de Convenções de Pernambuco.

SILVA, R. C. DA; CALAND, T. DA C. S. Inserção, atuação e permanência da mulher nos grupos de capoeira de Teresina-PI: notas etnográficas. **Revista FSA**, n. 6, p. 92-105, 2009.

SILVA, R. F. DA. **A Mulher na capoeira e a participação no movimento de resistência ao sistema racista e patriarcal**. IV Seminário Enlaçando Sexualidades, v. 1, p. 15, 2015. Universidade do Estado da Bahia - UNEB

SOARES, C. E. L. **A negregada instituição: os capoeiras na corte Imperial 1850-1890**. Rio de Janeiro: Access, 1999.

VIEIRA, L. R.; ASSUNÇÃO, M. R. Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, n. 34, p. 81-121, 1998.

.....

Recebido em: 20/07/2018

Revisado em: 23/11/2018

Aprovado em: 23/09/2019

Endereço para correspondência:

[tatipereir@hotmail.com](mailto:tatipereir@hotmail.com)

Tatiane de Assis Pereira

Centro de Estudos e Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade - CEPELS

Universidade Federal do Paraná - UFPR

Rua Coração de Maria

Jardim Botânico

80210132 - Curitiba, PR - Brasil.